

PAISAGISMO - A ARTE NA NATUREZA: ÁREAS VERDES NO SESC COMO INSTRUMENTO DE BEM-ESTAR CULTURAL

Alessandra Gonçalves da Silva¹

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as áreas verdes urbanas, paisagismo e as relações humanas que permeiam estes campos. Por meio de conversas com um grupo específico de funcionários do Sesc São Paulo, uma amostra de viveiristas do Sesc Interlagos, pretendo trazer à tona a visão dessas pessoas sobre paisagismo, bem-estar em meio natural e a importância que elas dão ao trabalho que realizam. Captar deste grupo como se dá sua atual função diante de sua jornada de vida. Essas informações serão colhidas através da transcrição da história oral e comparadas aos conceitos apresentados no início das discussões.

Por fim, farei uma análise das conversas no intento de lançar luz sobre esses excelentes profissionais que compartilham diariamente com nosso público o amor pela natureza, e como essa relação com os ambientes naturais é essencial para a existência humana e nossa qualidade de vida.

Palavras-chave: Paisagismo. Bem-Estar. Natureza. Serviço Social do Comércio.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the urban green areas, landscaping and the human relations that permeate these fields.

Through conversations with a specific group of Sesc São Paulo employees, a sample of Sesc Interlagos Nurseries, I intend to bring out their view of landscaping, natural well-being and the importance they attach to their work. Capture this group as its current function in the face of their life journey. This information will be captured through the transcription of oral history and compared to the concepts presented at the beginning of the discussions.

1 Engenheira agrônoma formada pela Universidade Federal de São Carlos, especialista em Meio Ambiente e Sociedade pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e mestre em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas / Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, cursou Gestão Cultural no centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP (2018/2019). Atualmente atua na Gerência de Engenharia e Infraestrutura do Sesc São Paulo, como assistente na área de infraestrutura. E-mail: alegoncalves@sescsp.org.br.

Finally, I will make an analysis of these conversations and I intend to shed light on these excellent professionals who share daily with our audience the love of nature, and how this relationship with the natural environments are essential for human existence and our quality of life.

Keywords: Landscaping. Welfare Nature. Social Service of Commerce.

1. A SOCIEDADE BRUTALIZADA

Segundo Duarte Jr. (2001, p. 126), o saber corporal permanece íntegro em si mesmo e irreduzível a simplificações e esquematizações cerebrais. O corpo conhece o mundo antes de podermos reduzi-lo a conceitos e esquemas abstratos próprios de nossos processos mentais. Assim, entende-se que nossa conexão com a natureza vai além de algo racional e lógico, está ligada à nossa ancestralidade, ao nosso sensível interno, que não se apaga. A idade moderna e a sociedade industrial deixaram este sensível intrínseco do ser humano em segundo plano, a industrialização impôs um padrão de vida urbano e menos natural, sendo este fundamental para uma nova existência e para a sobrevivência humana nas cidades. Assim, fomos nos parecendo cada dia mais com as máquinas que criamos. Parafraseando o psicanalista James Hillman (1993), Duarte Jr. diz que “seus pacientes que mais demonstram sofrer são justamente aqueles dotados de maior sensibilidade e capacidade de indignação em face de um mundo doente, feio e hostil” (op. cit., p. 18), o que para ele é uma constatação de quanto nosso cotidiano embrutece a sociedade moderna em decorrência de uma atmosfera social degradada, de um espaço urbano rude e de uma crescente deterioração ambiental.

Duarte Jr. (ibidem, p. 135) comentando António Damásio (1996), afirma que este “pretende ter deixado evidente o fato de que não há saber humano sem a participação ativa, consciente ou velada, de nossos processos sensíveis, processos esses tipicamente somáticos e peculiares à nossa encarnação”.

Na sociedade atual, a população é cada vez mais urbana e desconectada da natureza, temos um inchaço das cidades e as dificuldades encontradas no cotidiano do meio urbano acabam fazendo com que as pessoas percam sua gentileza e amabilidade, tornando-se ríspidas e solitárias.

Para Duarte Jr. (op. cit., p. 19), é inevitável, portanto, enfocar o tema da hiper-realidade, ou do simulacro: construções virtuais realizadas principalmente pelos meios de comunicação e que se superpõem, como um sonho dourado, sobre a verdade endurecida do mundo real.

Diante de uma busca incessante pelo ter, e não pelo ser, observa-se que as pessoas estão embrutecendo a cada dia e que somos estimulados a esse embrutecimento pela competição diária e pela lei da sobrevivência.

Observa-se que o vínculo que as pessoas têm com a natureza é ambíguo, pois de modo geral todos querem preservá-la, porém poucos abrem mão do consumo e da acumulação em prol da preservação. A cultura da acumulação dos bens materiais tem afetado as classes sociais e hoje atinge boa parte das formações sociais. Segundo Bornheim (1996, p. 48), “sem natureza não pode haver cultura, e sem cultura não existe condição humana”.

Simulacro é a representação imaginária de um objeto, lugar, idealizado a partir de uma vontade, e cada indivíduo atribui um julgamento de existência à imagem vista, que não necessariamente é real para os outros. As imagens construídas em nossa sociedade são repletas de ambiguidades, pois, diante da vivência e experiências de cada um, elas se tornam verdadeiras para cada indivíduo.

Como diz Klix Freitas (2013, p. 1) comentando Baudrillard (1997), “simular é fingir uma presença ausente”. Realizamos isso em nossa sociedade para ter mais segurança e conforto em nosso cotidiano, e o melhor exemplo destas simulações da realidade são os shoppings e suas praças de alimentação, local de encontro de pessoas, normalmente claros e agradáveis, que fazem com que o indivíduo se descole do tempo e passe horas nesse ambiente.

Porém, esse ambiente não possui árvores nem outra vegetação significativa para que seja considerada uma praça, apenas existem ali objetos a consumir e dispositivos que estimulam o consumo e desligamento do tempo, gerando assim um ciclo de alienação nos frequentadores, descolando-os ao máximo da realidade externa. Há na existência desses espaços uma troca dos valores simbólicos que são absorvidos pelas pessoas que ali convivem e passam a ver verdade diante dessas experiências.

Alguns condomínios residenciais também simulam muito bem os ambientes naturais, pois compõem seus espaços como pequenas fortalezas, onde o mal nunca avançará e seus moradores estão resguardados de tudo, mesmo coexistindo com comunidades mais simples, essas fortalezas dão ao seu público essa sensação simbólica de segurança e de completude.

Crianças que interagem com árvores têm vida mais saudável e menor propensão à obesidade quando adultas. Acompanhar o crescimento de uma árvore, subir em seus galhos, coletar flores e frutos traz maior bem-estar e aguça a percepção ambiental (cf. LUCATO et al., 2010).

A vegetação auxilia não só no efeito físico de retenção dos barulhos urbanos da metrópole, mas também traz benefícios psicológicos na percepção do ruído, que pode ser minimizado com o uso de barreiras de plantas.

Nas áreas urbanas, a disputa territorial é ferrenha, e precisa conviver lado a lado toda a infraestrutura urbana, residências, vias de transporte, hospitais, escolas, equipamentos de lazer e cultura entre outros. Assim, os espaços vazios nas cidades têm sido cada vez menores.

Não existindo esses espaços naturais, belos e aconchegantes, as pessoas que convivem em nossa sociedade não conseguem se desligar dos problemas vividos e da brutalidade cotidiana, ficando cada vez mais doentes, principalmente nas questões psíquicas.

Morelli (2009, p. 9) afirma que as áreas verdes possuem um papel muito importante na estrutura urbana, pela riqueza de combinações dos seus atributos na qualidade do espaço urbano. As áreas verdes são, além disso, os espaços que temos nas cidades para manter a biodiversidade, e a perda desta é, para Sanches (2014, p. 20), outro fator que causa impacto direto na diminuição da resiliência nos centros urbanos, ou seja, na capacidade de o ambiente voltar ao equilíbrio. Os espaços verdes urbanos são diversos, como praças, parques, terrenos, bosques, entre outros. São áreas ainda não impermeabilizadas e onde é possível crescer algum tipo de vegetação.

Devido ao estrangulamento que as áreas verdes das cidades vêm sofrendo, nossa sociedade tem cada vez menos contato com a natureza, o que acarreta um desconhecimento e falta de pertencimento dessas áreas, e esse distanciamento priora o processo de embrutecimento.

As áreas de lazer são espaços que favorecem a estada de modo ativo das pessoas, isto é, propiciam jogos e brincadeiras ou mesmo inspiram a contemplação. São áreas dotadas de um valor estético/paisagístico expressivo, em cujo interior o cidadão passeia, contemplando o cenário que se desvenda diante de seus olhos (MACEDO, 1999). Podemos entender que o lazer é o modo como cada indivíduo desfruta do seu tempo livre, sendo de fundamental importância na regeneração física e psíquica dos seres humanos.

O bem-estar humano é afetado não só pela diferença entre oferta e demanda dos serviços dos ecossistemas, mas também pela maior vulnerabilidade dos indivíduos, das comunidades e das nações (BOTTINI, 2005). Bem-estar é o estado de satisfação plena, sensação de segurança e estabilidade, envolvendo, portanto, diversos fatores físicos e psicológicos de cada indivíduo (HOUAISS, 2008).

Segundo Dobbert (2015, p. 38), o “bem-estar está relacionado às crenças, valores e modos de vida de cada indivíduo”. A forma como cada pessoa se relaciona com o meio em que vive interfere de diretamente na sensação de bem-estar ou mal-estar, dependendo da maneira em que as experiências ocorrem.

Portanto, com as definições acima, entendemos que o contato com os ambientes naturais é fundamental para que as pessoas formem seu entendimento do que lhes faz bem e possam valorizar e ajudar a conservar as áreas verdes.

Segundo Abudd (2007, p. 15), “o paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano”. Partindo deste princípio, temos nos jardins um espaço capaz de despertar as mais diversas sensações.

As instalações paisagísticas são inconstantes, e essa mutabilidade traz todo o charme e encanto aos jardins. A vegetação se desenvolve e forma novas paisagens constantemente, pois plantas caducifólias, quando perdem suas folhas, alteram completamente a paisagem. O acobreado das folhas antes da queda dá um novo colorido ao local. Por exemplo, o florescer de um Ipê transforma e traz vida ao ambiente, os frutos de uma Sapucaia atraem a fauna e a vida passa a ser mais viva no local.

Paisagem é a “extensão de território e de seus elementos que se alcança num lance de olhar; panorama, vista. Espaço com geografia e clima de determinado tipo: rural, urbana, montanhosa etc.” (MICHAELIS, 2017). Roberto Burle Marx (2004, p. 127) afirmava que: “Um território é formado de um número infinito de paisagens, parcialmente justapostas”.

Domésticos ou públicos, palacianos ou monásticos, solenes ou lúdicos, instrutivos ou recreativos, vulgares ou monumentais, os jardins acompanham a trajetória da humanidade e constituem artefatos de profundo alcance artístico, social, político, científico e, em sentido amplo, cultural, oferecendo, portanto, recursos diversificados à produção historiográfica (SILVA, 2016).

No século XIX, as questões técnicas passam a tomar força nas instalações paisagísticas no Brasil. Assim, diversos profissionais tomam a frente destas instalações, como engenheiros, botânicos, artesãos e jardineiros, proporcionando às cidades uma melhoria estética, ambiental e urbana. Nesse momento, também a escola europeia, principalmente a francesa, vigora nas implantações brasileiras, observa-se o uso das mesmas espécies vegetais, com traçados similares aos dos grandes castelos, e o uso de topiaria nos arbustos plantados. A diversidade de plantas da flora brasileira fez com que o estilo eclético passasse a vigorar com o passar dos anos, sendo que, a partir da década de 1930, o paisagista e artista Roberto Burle Marx desbravou as matas nativas e passou a trazer espécies novas às implantações paisagísticas.

Segundo Maeda (2008, p. 24), nos anos 50, surgem novos paradigmas na concepção de espaços livres brasileiros sob a influência de arquitetos e paisagistas modernos, como Roberto Burle Marx.

Com Burle Marx, o paisagismo brasileiro passou a ter personalidade própria. Nascido em São Paulo em 1909, formado em artes e amante da natureza, passou uma temporada com a família na Europa e no Jardim Botânico de Dahlem, na Alemanha. Teve contato com a flora brasileira e observou sua diversidade, beleza e valor. Quando retornou ao país, passou a identificar, divulgar e trabalhar com a flora nacional, além de adequá-la e utilizá-la em seus projetos paisagísticos. As linhas sinuosas e orgânicas dos seus projetos se tornaram referência para o mundo na construção de paisagens (SANTOS et al., 2009). Burle Marx devido à sua múltipla formação e ao seu interesse em diversas áreas, tinha como prática de seu convívio integrar diferentes tipos de expressões artísticas: fazia esculturas, pinturas, peças de tapeçaria, peças de design e projetos paisagísticos, cujos croquis eram como pinturas, tendo como características traçados orgânicos e de cores marcantes, assim como suas demais criações. Burle Marx sentia a integração das diversas artes que criava, e as plantas foram suas principais ferramentas, que deixaram registrado seu legado em nossa história.

Diante destas informações, entendemos que o brilhantismo do trabalho de Burle Marx era permanentemente abastecido pelas diversas práticas artísticas que ele exercitava, e o hibridismo de suas obras contribuía para que seus projetos paisagísticos tivessem uma beleza estética mais marcante.

Michel Maffesoli (1988), diz que “talvez seja hora, num momento em que se assiste a uma crescente estetização da existência, e isso em todos os domínios, de pensar a ciência, ou, mais modestamente, o conhecimento, como uma arte” (apud DUARTE JR., 2001, p. 11).

De acordo com Duarte Jr.,

Quando está em pauta esse saber sensível encerrado pelo nosso corpo, essa estesia que nos orienta ao longo da existência, inevitavelmente o fenômeno artístico deve vir à baila – não nos esqueçamos que estesia e estética originam-se da mesma palavra grega. Ou seja: é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo (ibidem, p. 22).

Segundo Martin Heidegger (1987), “podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo” (apud LARROSA BONDÍA, 2002, p. 25).

É experiência aquilo que “nos passa”, ou nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (...) Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se

de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao ser humano concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (LARROSA BONDÍA, 2002, pp. 25-7).

De acordo com Duarte Jr. (2001, p. 26):

A educação do sensível não prescinde da arte – pelo contrário –, mas deve atuar num nível anterior ao da simbolização estética. Mais do que nunca, é preciso possibilitar ao educando a descoberta de cores, formas, sabores, texturas, odores, etc. diversos daqueles que a vida moderna lhe proporciona. Ou, com mais propriedade, é preciso educar o seu olhar, a sua audição, seu tato, paladar e olfato para perceberem de modo acurado a realidade em volta e aquelas outras não acessíveis em seu cotidiano. O que se consegue de inúmeras maneiras, incluído aí o contato com obras de arte. Não nos esqueçamos, portanto, da arte culinária, dos perfumes e cheiros, das paisagens e noites estreladas, das frutas colhidas e saboreadas “no pé”, das caminhadas por trilhas e bosques, enfim disso tudo de que a vida moderna nos vem afastando.

Assim, entendo ser imprescindível que o nosso cotidiano seja repleto de simbolismos, arte e contato com ambientes naturais, pois nossa vida e condição humana saudável dependem da junção dessas ações de preservação do sensível de cada um.

2. JARDINEIROS E VIVEIRISTAS

Jardineiros são profissionais ou amadores que atuam ou praticam atividades diretamente ligadas ao plantio de mudas, cultivo de plantas, manejo de áreas verdes e cuidados com jardins e vasos. Um dos principais objetivos destes praticantes é embelezar e deixar os ambientes mais agradáveis para o convívio humano. Muitos utilizam a prática da jardinagem, ou jardinismo, como uma terapia cotidiana para limpeza mental e resgate da ancestralidade humana.

Os viveiristas, além dos trabalhos base dos jardineiros, também atuam na multiplicação de mudas, manejo dos viveiros de plantas e ações de educação ambiental junto ao público. Esse termo normalmente é aplicado aos

profissionais que atuam nos viveiros de plantas, com formação prática em sua lida diária, que têm fundamental importância para garantir a segurança, qualidade e saúde das plantas.

O uso das cores, texturas e formas das plantas faz com que estes profissionais tracem linhas, criem formas, e assim novas paisagens sejam formadas para fruição do público visitante.

Nas unidades do Sesc SP, esses profissionais desempenham diferentes funções, além das já citadas acima, como atribuições de cada cargo. Estes profissionais atuam junto ao público oferecendo informações e intervindo como educadores ambientais. Nas unidades, o público os procura durante o desempenho de suas funções para conversar sobre plantio, jardins, áreas verdes etc. Assim, com uma linguagem simples e acessível, a informação é transmitida e a prática da jardinagem é propagada. Atualmente, são vinte profissionais do quadro de funcionários do Sesc SP, distribuídos nas unidades de Interlagos, Itaquera, Sorocaba, Taubaté, Jundiaí, Santos e Bertiooga.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para validação das discussões acima foi registrar e transcrever a história oral. Consistiu em entrevistar, entre esse grupo de vinte pessoas, uma amostra de pessoas que puderam testemunhar e relatar fatos, modos de vida e histórias acontecidas, que auxiliaram nas convicções dos fatos levantados nos textos acima. Entrevistei três viveiristas do Sesc Interlagos para captar o que esses funcionários viveram e como são ligados aos jardins, o que eles entendem a respeito de áreas verdes e sobre seu significado diante de suas vivências e histórias de vida. A ideia era captar nesse dialogo algo que estivesse ligado ao sentimento sensível de cada um deles, que aparecesse nessa conversa a arte que eles praticam diariamente sem ser algo racional e questionado diretamente.

Para auxiliar na conversa, utilizei o roteiro abaixo para me nortear e ter a mesma sequência de diálogo com todos.

Roteiro

- a. Quem são essas pessoas
 - Há quanto tempo trabalha no Sesc?
 - Por quê você se tornou um viveirista/jardineiro?
- b. Você entende que as áreas verdes fazem bem às pessoas? Por quê?
- c. Você gostaria de ampliar o alcance do seu trabalho? Quais as suas sugestões?
- d. O que você entende como paisagismo? Você se entende como paisagista?

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Ao longo das conversas e das entrevistas com os colegas viveiristas, pude apurar que, sim, eles entendem seu trabalho cotidiano como algo artístico. O caráter artístico da atividade desses profissionais também fica claro em algumas ações que eles realizaram ao longo dos anos de trabalho no Sesc Interlagos. Por exemplo, foi elaborado um jardim com a apropriação da obra de Tarsila do Amaral e de Lasar Segall, replicada em canteiros com plantas e outros materiais da natureza.

Nas falas sobre o que é paisagismo, a palavra “arte” apareceu repetidas vezes na fala dos viveiristas, e a importância do trabalho de cada um para o bem-estar do público e das pessoas em geral também foi relevante em seus relatos.

Observa-se que o processo criativo dos jardins e das implantações paisagísticas é similar ao das demais obras de arte, a única diferença são os insumos e materiais utilizados.

O bem-estar que as áreas verdes proporcionam se explicita quando o colega Jair diz: “As áreas verdes que existem são fundamentais, pequenas ilhas, praças, e é muito importante fazer o repovoamento de áreas degradadas. Áreas verdes é vida, sem elas a gente não consegue viver, nem que seja um pedacinho no fundo do quintal”.

Burle Marx também ressalta essa importância quando passa a utilizar plantas nativas em seus projetos, em busca de manter a biodiversidade local e preservar o meio ambiente e a flora brasileira. Observamos também na fala de Nivaldo, quando diz: “As áreas verdes daqui são minha vida, não sei o que seria de mim sem elas, e vejo que o público também vem aqui no Sesc atrás disso tudo. Aí a gente fica na horta, o público vem perguntar, vem trazer mudas e sementes para que a gente plante aqui também, então entendo que, sim, toda essa área verde faz muito bem às pessoas”. E nos dizeres de Edmilson, quando diz que “as pessoas que se deparam comigo começam a falar que aqui é lindo, é maravilhoso, o ar que respiramos, a sombra, as borboletas, os saguis, as aves, encantam as pessoas, o público diz que parece que estão fora de São Paulo quando estão aqui dentro, as áreas verdes são bem importantes aqui”. O que vale destacar é que todos os viveiristas entrevistados percebem a importância das áreas verdes não só para si, mas também para todo o público frequentador das unidades.

A arte do paisagismo é evidente nos trabalhos do Burle Marx: seus projetos e desenhos que servem de base para a construção dos jardins são elaborados como telas e obras, muitos são apresentados como peças de arte. Os viveiristas do Sesc também se entendem artistas, quando incluímos em nossa conversa o paisagismo e quem o faz, ouvi de Jair que

paisagismo para mim é arte, sempre foi arte. Só que é arte em lidar com a movimentação das plantas, é arte viva. Uma arte [em] que você vai colocar o seu conhecimento, a sua tendência criativa no plantio. É a arte em tudo, é saber lidar com o vegetal respeitando ele, ele tem um porquê existir ali. Como o canteiro que fizemos aqui, as raízes estavam expostas, e fizemos com as outras plantas. Paisagismo é isso: a arte de continuar, continuar plantando, respeitando as plantas. Me coloco como um artista das paisagens, paisagista para mim é isso: paisagista é um artista das paisagens.

Já Edmilson apresenta sua visão sobre paisagismo: “paisagismo para mim nada mais é que a reposição do que as pessoas tiram da natureza, é a forma do ser humano refazer a natureza”, mas que também contribui para a mesma reflexão, onde podemos sim considerar o paisagismo como uma maneira de expressão artística.

5. CONCLUSÃO

Diante das conversas, podemos concluir que o paisagismo é uma manifestação artística em que o paisagista (artista) compõe as paisagens com materiais naturais e construídos, buscando a melhoria estética dos ambientes para o convívio humano.

Os viveiristas entrevistados para este trabalho têm clareza de que seu trabalho é importante para o bem-estar do público frequentador das unidades do Sesc e que, sim, suas ações cotidianas são manifestações artísticas. Entendo que esta função é vital para a continuidade das atividades ambientais e para as ações de educação socioambiental que as unidades realizam. Esses profissionais dão vida e animam os espaços para que o público possa fruir tudo que a natureza proporciona em meio ao ambiente urbano. Ao realizar seu trabalho diário, esses profissionais manifestam seu lado mais sensível e trazem as pessoas que os cercam para desfrutar das belezas que um ambiente natural bem conservado oferece, e a decompressão das agruras diárias.

Assim, para que não vivamos apenas dentro de simulacros, as áreas verdes urbanas bem mantidas e providas de projetos paisagísticos bonitos e convidativos são essenciais para o convívio das pessoas nas cidades, e para garantia da qualidade de vida urbana.

REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. *Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística*. São Paulo: Senac, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. *A arte da desapareição*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BORNHEIM, Gerd. “Reflexões sobre o meio ambiente”. In: GARCIA, E. B.; SILVESTRE NETO, D. *Ecologia: a qualidade da vida*. 2. ed. São Paulo: Sesc, 1996, pp. 41-55.
- BOTTINI, Renata L. *Ecossistemas e bem-estar humano: estrutura para uma avaliação*. São Paulo: Senac, 2005.
- BURLE MARX, Roberto. *Arte e paisagem: conferências escolhidas. Seleção e organização de José Tabacow*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DOBBERT, Léa Yamaguchi. *Arborização na cidade de Campinas/ SP: percepção ambiental e conforto*. Tese (Doutorado em Arquitetura Paisagista) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, campus Piracicaba, 2015.
- DUARTE JR. João Francisco. *O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 3. ed. Curitiba: Criar, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. “La esencia del habla”. In: _____. *De camino al habla*. Barcelona: Serbal, 1987, pp. 141-194.
- HILLMAN, James. *Cidade & alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HOUAISS, Antonio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- KLIX FREITAS, Neli. “Representação, simulação, simulacro e imagem na sociedade contemporânea”. *Polêm!ca*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, abr.-jun. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/6435/4861>>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de educação*, n. 19, pp. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- LUCATO, Vitor et al. *Lições da Árvore*. Caderno de atividades. Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ). São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 2010.
- MACEDO, Silvio Soares. *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: FAU-USP, 1999. Coleção Quapá.
- MAEDA, Karenine S. *O “colar de esmeraldas” da paisagem Londrinense*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo:

Melhoramentos, 2017.

MORELLI, Denise D. de Oliveira. *Paredes verdes: vegetação como qualidade ambiental no espaço construído*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil)– Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SANCHES, Patrícia. M. *De áreas degradadas a espaços vegetados*. São Paulo: Senac, 2014.

SANTOS, Nubia M.; CARVALHO, Márcia P.; SANTOS, Paulo. *Burle Marx: jardins e ecologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac/Jauá, 2009.